



Extensão em Ação

A construção de uma “Comunidade de Afeto” no rádio: o caso do Programa Todos os Sentidos

Caroline Luciano Cavalcante*
Henrique Sérgio Beltrão de Castro**

Resumo

Este artigo pretende analisar a constituição de elos identitários e de uma “comunidade de afeto” (Bitencourt, 2009) em torno do programa radiofônico Todos os Sentidos. Há oito anos no ar na Rádio Universitária FM 107,9, a emissão tem um formato diferente de outros programas veiculados na emissora. Ele é composto por entrevistas entremeadas por músicas e poemas e, por isso, se torna uma ferramenta importante de identificação do ouvinte. Discutimos a criação de uma rede de afetos em torno das irradiações do programa a partir da relação dialógica entre os ouvintes e o radialista, tendo a locução como central de mediação, de configuração de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Afeto, Identidade

Abstract

This article aims to analyze the construction of identity helmets and a “community of affect” (Bitencourt, 2009) from the radio program All of Senses. For eight years on the University Radio FM 107,9, the emission has a different format of the other programs broadcasted on the radio station. That consists of interviews between music and poem, and because of it, becomes an important tool of listener’s identification. We will discuss the creation of an affection network around the irradiations of the program from the dialogical relation between the listeners and the radio producer, that being the radio speech as a central of mediation, configuration of identity.

KEY-WORDS: Radio, Affect, Identity

*Estudante do curso de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará.

**Orientador do trabalho, professor da Universidade Federal do Ceará.



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

Introdução

É por afeto ou pela falta dele que criamos vínculos, procuramos proteção, carinho, solidariedade num determinado grupo social. Por proporcionar uma sensação de bem-estar comum, o Programa Todos os Sentidos consegue criar em sua trajetória curta, porém expressiva, de oito anos, uma “comunidade de afeto”. Em suas irradiações semanais pela Rádio Universitária FM 107,9, o apresentador Henrique Beltrão estabelece entre os que trabalham com ele – nós, as estagiárias de Comunicação que atuamos na produção, Caroline Cavalcante e Danielle Melo, os técnicos de áudio Antônio Carlos Lima e Assis Lima na difusão e José Raimundo Lustosa em edições e gravações – bem como com seu público uma ideia de identidade, traduzindo-a como o pertencimento a uma dada “comunidade” por meio de mecanismos de intimidade e partilha.

Um dos maiores atrativos desse programa é a peculiaridade do estilo do locutor, que promove a interatividade com o ouvinte através de diversos recursos. A locução ocupa, nesse processo comunicacional, lugar central de mediação, de configuração de identidade, o que ocorre pela empatia, pela proximidade com o radialista. Essa mediação (BARBERO, 2003) é consolidada pela figura do locutor-apresentador dos programas radiofônicos, que conquista o público utilizando uma série de estratégias. A materialidade da palavra e o caráter emocional do rádio, por exemplo, remontam à relação da popularidade do veículo com a cultura oral.

Entende-se, a partir disso, que boa parte da audiência no rádio é conquistada ao longo

dos anos pela reprodução do cotidiano do receptor, que se identifica não somente pelo enfoque da vida de pessoas semelhantes a ele – no caso do Todos os Sentidos, a realidade das pessoas com deficiência – como também pela conversa, pelo entretenimento, que o faz “distanciar-se” da sua realidade. A rigor, isso ocorre por meio do discurso midiático, capaz de reforçar as particularidades socioculturais que servem de base para a interpretação do mundo, a partir da interação perante um grupo, de uma dada comunidade, e da formação dessa identidade ancorada essencialmente na radiofonia, no caso em questão, do Programa Todos os Sentidos.

Halbwachs (1990) explica que nossas lembranças fazem parte de um contexto social, no qual estivemos envolvidos direta ou indiretamente. As nossas lembranças, portanto, se inserem em quadros sociais a partir de referências de um determinado ambiente coletivo, indicando que a memória é construção do presente a partir do passado, com motivações atualizadas. A construção da identidade é classificada pelo autor como “fenômeno coletivo e social”, que passa por “flutuações, transformações e mudanças constantes”. Nesse sentido, nossas lembranças sofrem transformações permanentes diante das visões de uma dada comunidade, onde a memória social é gestada a partir do trabalho de seleção e enquadramento dos sujeitos sociais. Assim, não existe uma memória pronta, mas sempre processo e trabalho de construção no presente.

Seguindo essa linha de pensamento, Pollak (1992) salienta que a memória “sofre flutuações que são função do momento em



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”. Como a memória é um “fenômeno construído”, as bases de sua consolidação seriam, a princípio, os acontecimentos individuais e, “por tabela”, aqueles vivenciados por um grupo ou pela coletividade, despertando o sentimento de pertencimento, ou seja, a ligação entre a memória e a identidade. Para ele, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. (POLLAK, 1992, p.205).

A memória coletiva, então, perpassa um processo de interpretação e interação, de acordo com Pollak, para “reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc” (POLLAK, 1992, p.9). Nesse aspecto, podemos considerar que a identidade é um produto do meio, com base nas discussões de Bourdieu (1989, p. 112-117). Sob a ótica da regionalização, o autor considera que os critérios étnicos como língua, dialeto ou sotaque são objetos de “representações mentais” da prática social de indivíduos de uma dada região comum, configuradas por bandeiras, emblemas, entre outras significações coletivas, contribuindo, assim, para a consolidação da identidade social:

O discurso regionalista é performativo, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada (...). O ato de categorização, quando consegue fazer-se

reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce poder por si: as categorias “étnicas” ou “regionais”, como as de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de revelação e de construção exercido pela objectivação no discurso. (BOURDIEU, 1989, pp. 117).

A formação da identidade social é ancorada essencialmente no processo de comunicação, ou seja, é se comunicando que se torna possível tomar consciência de si, marcando as diferenças junto ao outro, o que ocorre a partir da relação dialógica, da memória, como fenômeno coletivo e social, da construção de comunidades identitárias. A comunicação torna-se, assim, mais uma questão de mediação que de meios, uma questão cultural não só de conhecimentos, mas de re-conhecimento. Compreendendo as lógicas de produção, percebemos que a competência comunicativa é pautada pela capacidade de interpelar, constituir públicos, audiências, consumidores.

Assim, as táticas de recepção e as lógicas de produção são mediadas pelos movimentos de sociabilidade, em suas mudanças na trama das relações cotidianas, resultando em modos e usos coletivos de comunicação, ou seja, de interpretações e constituição dos atores sociais e de suas relações com o poder. Os cidadãos – majorias e minorias – buscam na mediação defender seus direitos e fazer-se reconhecer, reconstruindo permanentemente o social. O rádio capta a densidade e a diversidade de condições de existência do popular.

Segundo Barbero (2002, p.306-328), as características regionais dimensionam o



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

funcionamento de emissoras locais, fazendo com que uma programação nitidamente comercial se veja perpassada pela presença de necessidades da região e por apelos à participação coletiva em ações de apoio às demandas populares. O ato de comunicação no medium pressupõe uma série de estratégias, entre elas a vocalidade, “estética libidinal”, que legitimaria o poder de mediação que a voz do intérprete exerce sobre o ouvinte (NUNES, 1988). O desempenho preconizado por Zumthor (2000) pode ser aplicado à maneira como o locutor-apresentador conduz o programa, à sua habilidade na relação dialógica com o ouvinte e, obviamente, da resposta deste público. Nesse aspecto, o desempenho está diretamente ligado à competência, a um “saber-ser”, compreendendo a conduta do intérprete ao transmitir conhecimento, que afeta e modifica a mensagem, pelos valores encarnados em um “corpo vivo”.

Zumthor (2000) associa, então, a performance às condições de expressão e da percepção. E, ainda, designa “um ato da comunicação como tal refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira imediata” (ZUMTHOR, 2000, p.59). Nessa situação oral, a transmissão e a recepção constituem um ato único de participação, carregado de poderes sensoriais, gerando o prazer. Esse ato único é, no entendimento de Zumthor, a performance (2000, p.76).

A performance do apresentador é, sem dúvida, elo fundamental de identificação do público perante a um dado programa. Isso perpassa vários outros fatores, entre eles, os papéis assumidos pelo comunicador, com base

em estratégias e no poder de “autoridade” que lhe é conferido pelo ouvinte. Isso ocorre por meio do discurso midiático, capaz de reforçar as particularidades socioculturais que servem de base para a interpretação do mundo, a partir da interação perante um grupo, de uma dada comunidade, e da formação dessa identidade ancorada essencialmente na radiofonia, no caso em questão, do Programa Todos os Sentidos. Porém, acreditamos que tal processo se constitua de forma claramente dialógica, implicando nas práticas discursivas tanto do radialista (e, obviamente, de sua equipe) quanto dos ouvintes que com ele interagem, como será demonstrado a seguir.

A Construção de comunidades via mídia

Comunidade é uma palavra que sugere a sensação de aconchego, proteção, conforto, numa oposição ao que vem de fora, da rua, onde estamos sujeitos a toda sorte de perigos ocultos e novidades, na concepção de Bauman (2003, p.7-11). Se na rua temos que ficar alertas, de prontidão a cada minuto, na comunidade, nos diz Bauman, podemos relaxar, pois estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos.

Bauman entende ser necessária a constituição de uma comunidade movida pelo bem-estar coletivo, pela solidariedade em detrimento do individualismo exacerbado. “Somos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor do seu destino por si mesmo” (BAUMAN,



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

2003, p. 133), defende o autor ao estabelecer ser preciso constituir uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo, de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos.

Quando pensamos em comunicação de massa e nas relações de anonimato que tradicionalmente são conferidas a essa massa, podemos pensar na comunidade de ouvintes que se forma em torno de um programa radiofônico em termos de uma comunidade imaginada, como apontada por Benedict Anderson (1989, p.11-57). Ao pensar nas formações nacionais, Anderson afirma que uma comunidade é imaginada “porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus patriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunidade”. (ANDERSON, 1989, p.14).

Essa comunidade seria composta pelos ouvintes, espalhados e anônimos, constituindo a massa que compõe a audiência, ligada pelos interesses comuns, pela memória e pela identidade partilhadas, construídas a partir das estratégias do locutor e de sua equipe de trabalho. Mas, ao mesmo tempo, os ouvintes, através de estratégias da produção e de táticas próprias dos receptores, conseguem se colocar como sujeitos concretos, distintos na massa anônima, criando também suas cadeias e elos de solidariedade e participação, ou seja, transformando aquela comunidade que se pretende imaginada, de massa, em “comunidade de afeto”, que passa a ter processos efetivos de interação, se não face a face, ao menos voz a voz, com o locutor

como mediador.

A construção dos laços de afeto no programa Todos os Sentidos

É a busca pelo reconhecimento, pelo bem-estar comum, a ânsia por momentos de alegria, de aconchego e solidariedade que possibilitam o compartilhar coletivo de sensações, emoções e sentimentos em torno do Programa Todos os Sentidos. Esses elos, entrelaçados numa junção de várias comunidades, consolidadas em uma só, a comunidade afetiva, são tecidos pelas estratégias da produção e pelas táticas de participação dos ouvintes.

Certeau define estratégia como “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (CERTEAU, 1994, p.99). As estratégias postulam capacidade de “produzir, mapear e impor” (CERTEAU, 1994, p.92) o “lugar de poder” almejado pelo estrategista, que busca habilidades para exercer tal potencial no campo das relações externas – alvos ou ameaças – como clientes ou concorrentes, entre outros, como sugere Certeau (1994).

Transportando a discussão para o cenário radiofônico, o apresentador – a exemplo do que ocorre na literatura com “estilos” ou “maneiras de escrever”, como nos propõe Certeau – busca dimensionar “maneiras de fazer” um determinado programa com um diferencial próprio, ou seja, utiliza-se de estratégias para definir esse ou aquele formato e sua linha de



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

ação. Em contrapartida, o ouvinte utilizaria táticas no ato comunicativo. Embora tática seja classificada por Certeau como “a arte do fraco”, isso não significa estado estático. Nas práticas de consumo, o público aproveita as “possibilidades oferecidas pelas circunstâncias” (CERTEAU, 1994, p.92), participando ativamente da programação – mesmo que seguindo regras preestabelecidas pela produção – por meio de telefone, reclamações, pedidos de ajuda, entre outras formas. “As táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 1994, p.102). Portanto esse não-lugar (de poder) permite sua “mobilidade”, aproveitando circunstâncias para conquistar benefícios próprios com sua “astúcia” de “dar um golpe” diante do senso de ocasião (CERTEAU, 1994, p.101).

Com base nessa argumentação – mesmo reconhecendo que a participação muitas vezes é restrita a regras, horários e limite de tempo – podemos dizer que as “táticas” dos ouvintes os promovem à condição de co-produtores de programações radiofônicas. Para desvendar como estratégias e táticas operam no processo de fidelização, traçamos a partir de agora alguns procedimentos adotados no *Todos os Sentidos* para cativar a audiência e também técnicas adotadas pelo público demarcando um território a partir de seus usos.

As estratégias do Programa Todos os Sentidos

O esforço estratégico por parte da produção para que seus ouvintes se reconheçam e se imaginem dentro de uma comuni-

dade é percebido claramente na performance mediatizada, dando visibilidade às táticas do público. Henrique Beltrão utiliza várias formas de envolver os ouvintes na comunidade afetiva em torno das irradiações de seu programa, entre elas o prestígio, o reconhecimento daqueles que participam como “co- produtores” enviando sugestões de pauta ou sugestões de poemas e músicas a serem veiculadas no programa, entre outras formas de interação.

Essa interação fica nítida logo no início do programa, quando o radialista, no primeiro contato com o ouvinte, adota várias estratégias para cativá-lo. A primeira delas é na frase que abre o programa: “É com o coração em serena festa e de corp’ alma cheio de gratidão que eu, Henrique Beltrão, uma vez mais trago ao ar o *Todos os Sentidos*”. Além de demonstrar satisfação em estar ocupando aquele lugar, Henrique convida os ouvintes a participarem do programa e enviarem sugestões de pauta seja através do telefone, do twitter ou dos e-mails que a produção mantém. Quando se trata do contato por telefone, especialmente, o apresentador recorre a outra frase de efeito: “A cada vez que esse telefone toca, meu coração se enche de alegria”. No decorrer do programa, outras frases ou poemas são utilizados. Os mais recorrentes e que se tornaram quase uma marca do *Todos os Sentidos* ao longo dos anos são: “Quando você muda, o mundo muda” e uma citação de Mahatma Gandhi: “Seja a mudança que você quer no mundo”. Todos eles são formas de chamar a atenção do ouvinte para que ele se sensibilize com as alegrias e os desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência. Sobre isso o ouvinte André Luiz



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

Gomes, que tem deficiência visual, diz:

O Henrique Beltrão consegue aliar a poesia que toca no coração das pessoas e a música sempre boa com a discussão em torno das pessoas com deficiência. Isso torna a luta mais leve e atinge um número cada vez maior de ouvintes do programa e também de colaboradores que simpatizam com a causa das pessoas com deficiência.

A declaração do administrador postal João Brasil Hass Gonçalves, ouvinte e colaborador do programa, retrata o estilo do comunicador, capaz de criar uma comunidade afetiva na relação dialógica com o ouvinte, por intermédio do papel de narrador incorporado pelo radialista.

Henrique fala com os ouvintes como se eles estivessem na sua frente, conseguindo despertar esse grau de intimidade. Ele entra literalmente na casa das pessoas. Essa é a essência da trajetória do programa Todos os Sentidos. Ele traduz o sentimento das pessoas e consegue o que todo comunicador de rádio tenta: ser companheiro de quem está ouvindo (...).

A rigor, a figura do narrador é fundamental para a construção ou reconstrução de um acontecimento real, da memória coletiva, da identidade social, por isso é permitido por ocupar espaço especial na vida das pessoas que escutam o programa. A habilidade de relatar e interpretar experiências de vida – não só dos entrevistados, mas também do próprio apresentador –, de penetrar no cotidiano popu-

lar, demonstra o talento de Henrique Beltrão na arte de narrar. Essa característica de “senso prático” é notada por Walter Benjamin (1989, p.196-221) em muitos narradores dotados da “natureza da verdadeira narrativa”:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis (...). (BENJAMIN, 1989, p.200).

Essa identidade perante a alteridade pode ser considerada uma espécie de confiança, traduzida por Giddens (1991, p.35-37) como “uma forma de fé na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva”.

Em meio às “turbulências” do cotidiano, as pessoas têm a necessidade de confiar em agentes sociais especializados em um determinado conhecimento, que dominam técnicas e discursos convincentes em relação a um determinado assunto. A isso, Giddens classifica de sistema de peritos, que significa “sistemas de excelência técnica ou competência profissional” que organizam “grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1994, p.35). São, portanto, representantes considerados legítimos por um grupo, como advogados, médicos, ar-



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

quietos, entre outros.

O vínculo de identidade criado a partir da memória coletiva, tendo como personagem central o locutor como mediador, credencia o radialista a assumir a função de porta-voz autorizado. Sobre isso, outro ouvinte do programa já citado, João Brasil Hass Gonçalves, advogado e pai de Alice, que tem Síndrome de Down, diz o seguinte:

O programa Todos os Sentidos, muito bem representado pelo poeta Henrique Beltrão, divulga ações a favor das pessoas com deficiência e, com isso, acaba por influenciar mais e mais colaboradores, além de aumentar o respeito e a consciência da sociedade em relação às pessoas com deficiência.

A confiabilidade do público permite ao comunicador apurar, elucidar, reconfigurar, contar os fatos a partir de suas concepções e narrativas. A credibilidade se sustenta na performance do locutor mediante o resultado das respostas aos apelos, às reivindicações feitas pela população através do seu programa, somada ao seu carisma. Esse mecanismo é utilizado para consolidar a comunidade afetiva do programa conduzido por Henrique Beltrão. A palavra usada no ato comunicativo é convertida em arma e instrumento de revanche, que, ao confundir o adversário, desarma, como explica Martin-Barbero (2002, p.286-331). É uma revanche contra uma ordem do mundo que os exclui e os humilha e contra a qual o povo se confronta, desorganizando o tecido simbólico que articula essa ordem. O rádio, então, permite ao povo, em massa, reconhecer-se como ator de sua história e o objetivo do Todos os

Sentidos é justamente esse, fazer com que as pessoas com deficiência possam ter vez e voz, além de se sentirem identificadas com as histórias de vida que ali são contadas.

As táticas dos ouvintes

Percebemos, na parte anterior, algumas das estratégias utilizadas pelo Programa Todos os Sentidos para criar, junto ao ouvinte, a sensação de pertencimento a uma comunidade de afeto. Entretanto, é na relação dialógica que os laços afetivos das emissões radiofônicas começam a se estabelecer nos momentos de alegria, tristeza, emoção.

Com a capacidade de mediação do locutor e a participação do ouvinte, portanto, o rádio deixa de ser um meio de entretenimento e passa a ser um espaço de identificação, não somente evocando uma memória comum, mas também produzindo uma experiência profunda de solidariedade (BARBERO, 2002, p. 286-331). O veículo surge como grande mediador entre o universo privado de casa e o mundo público da cidade, um espaço em que se estrutura a sociabilidade.

Assim também se consolida a comunidade afetiva em torno das irradiações do Todos os Sentidos. Esse sentimento de pertencimento surge de várias formas, desde uma simples audição, da participação por telefone simplesmente para informar a audiência ou para fazer as vezes de apresentadores com as dúvidas através de perguntas aos convidados do dia até a co-produção exercida por colaboradores atentos às emissões, como declara o ouvinte João Hass Brasil:



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

Eu faço parte dessa família do Todos os Sentidos – sim, é uma grande família – porque gosto de mandar sugestões de pauta e Henrique valoriza não só a minha vontade de ajudar, como também das outras pessoas que fazem o mesmo. Ele sempre fala o nome dos colaboradores durante o programa.

Os laços criados não são só com o apresentador, mas também entre os próprios ouvintes e isso vai além do contato durante o programa. Esses são referenciais na constituição dessa comunidade afetiva. João Brasil conta que fez muitos amigos através do programa, descobriu afinidades com pessoas que ele conheceu no estúdio ou fora dele, em encontros divulgados no Todos os Sentidos. André Luiz Gomes também reforça esse pensamento e diz que Henrique é um “aglutinador de ideias e pessoas”.

Conclusão

Foi perceptível contatar no decorrer desta pesquisa que Henrique Beltrão assume uma multiplicidade de papéis quando fala todas as quartas-feiras com seus ouvintes através da Rádio Universitária FM 107,9. Ora ele é o “homem comum” com quem os ouvintes falam sem qualquer dificuldade, estabelecendo com ele um diálogo franco e de igual para igual; ora ele é uma espécie de “porta-voz” dos direitos das pessoas com deficiência na medida em que dá informações sobre o que está acontecendo e que envolva essas pessoas, além de dar espaço para que elas exponham seus medos, desejos e alegrias. Henrique Beltrão também é o nar-

rador experiente, o “especialista” autorizado, o amigo emocionado, o poeta que diz palavras que acalmam e, em tantas vezes, uma mistura de vários desses papéis.

Ao se processar, a memória é elemento fundamental para a constituição de identidade, permitindo a formação de um conceito de grupo, uma autoconsciência comunitária, ao mesmo tempo em que permite a diferenciação perante a alteridade. Portanto, a memória não perpassa apenas um contexto de construção historiográfica, de eventos do passado, mas atua principalmente como elemento de reforço de uma coletividade, de uma identidade em relação a um determinado padrão de comportamento, de idéias, sonhos, pensamentos, fatos cotidianos, moldando, assim, no caso em estudo, uma comunidade afetiva, a “comunidade de afeto” do programa Todos os Sentidos.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BENEDICT Anderson. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Ática, 1989.
- BITENCOURT, Fernando. **Simmel e o futebol**: da comunidade de afeto à equivalência abstrata do dinheiro. Comunicação oral na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre, 2009. Disponível em <http://socialsciences.scielo.org/scieloOrg/php/reflinks.php?refpid=S0104->



Extensão em Ação

XX Encontro de Extensão Universitária

Comunicação

7183200800010000700010&lng=en&pid=S0104-71832008000100007

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ENNE, Ana Lucia. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras**, Unisinos, v. VI, n. 2, p. 101-116, 2004.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: ed. UNESP, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MARTIN-BARBERO, Jésus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

_____. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.